Flores do Campo

João de Deus

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

Flores do Campo

João de Deus

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Pedro Saborano and the Online Distributed Proofreading Team at https://www.pgdp.net (This book was produced from scanned images of public domain material from the Google Print project.)

Notas de Transcrição

Foram corrigidos pequenos erros de impressão, sem que seja feita qualquer nota dessa correcção, visto que em nenhum dos casos a correcção altera o significado do texto.

Para facilitar a identificação de cada poesia nesta edição electónica, foi adicionado o seguinte marcador como divisão entre elas:

* * * * *

FLORES DO CAMPO

A propriedade d'este livro pertence, no Brazil, ao snr. Joaquim Augusto da Fonseca.

João de Deus

FLORES DO CAMPO

2.ª EDIÇÃO CORRECTA

PORTO

LIVRARIA UNIVERSAL
de

Magalhães & Moniz, Editores

12--Largo dos Loyos--14

1876

PORTO: 1876--TYP. DE A. J. DA SILVA TEIXEIRA 62, Cancella Velha, 62

A POESIA

EMBLEMA

Camões e Byron--Scepticismo e Crença

Vem d'alto gozar, lirio!
Noite estrellada e tepida;
A vista ao céo intrepida
Lança, penetra o Empyreo.

Dilata os seios tumidos;
Larga este terreo albergue;
Nas azas d'alma te ergue;
Ergue os teus olhos humidos

Que vês?--Soes, de tal sorte
Que os crêra tochas pallidas,
Quando as guedelhas, madidas
De sangue, arrasta a morte.

--Transpõe-n'os; que, elevando-te,
Por cada um d'aquelles,

Milhões e milhões d'elles
Verás alumiando-te.

Ávante pois, acima
Dos soes d'uma luz tremula;
Alma dos anjos emula!
Deus o teu vôo anima.

Que vês?--Um vacuo eterno.
--E n'elle?--Em ermo tumulo,
Em ignea letra (cumulo
D'horror) _Byron_--o inferno.

--Foge.--O horror fascina-me.
São reprobos que exhalam
Horridos ais que abalam
O inferno: oh Deus! anima-me.

--Escuta-os.--Escutemol-os.
Como elles bramem, rugem,
E o espaço uivando estrugem...
Gelam-se os membros tremulos.

--Entra.--Não posso.--Arromba.
--Prohibem-m'o.--Subleva-te.
--Prohibe-o Deus.--Eleva-te.
Acima, ingenua pomba!

Que vês? A luz clareia-me.
Que céo, que azul ethereo!
Oh extasi, oh mysterio!

Sobeja a vida, anceia-me.

--Falla.--Deus! que harmonia!
Aqui a alma exalta-se;
A alma aqui dilata-se...
Camões!--É a poesia.

Coimbra.

* * * * *

A UMA CARTA ANONYMA

Não sabe a flôr quem manda a luz do dia,
Nem quem lhe esparge o nectar que a deleita
Ao vir raiando a aurora,
E ella agradece as lagrimas que aceita,
E ella as converte em balsamos que envia
Ao mysterio, que adora.

LAMARTINE.

Coimbra.

* * * * *

DUAS ROSAS

Que bonita, meu amor!
Que perfeita, que formosa!
A ti pozeram-te Rosa,

Não te fizeram favor.
A rosa, quem ha que a veja
Bandeando, sem gostar?
Mas por mais linda que seja
A rosa, quando se embala,
Não te ganha nem iguala
A ti em indo a andar.

A rosa tem linda côr,
Não ha flôr de côr mais linda;
Mas a tua côr ainda
É mais fina e é melhor.
Murcha a rosa (que desgosto!)
Só de lhe a gente bulir;
E essas rosas do teu rosto
É em alguem te tocando
Que parece mesmo quando
Ellas acabam de abrir.

Cheiro, o da rosa, esse não,
Não é mais do meu agrado,
Que o teu bafo perfumado,
A tua respiração.
Depois a rosa em abrindo
Vai-se-lhe o cheiro tambem:
A tua bocca em te rindo
Só o bom cheiro que exhala...
E quando fallas, a falla,
Isso é que a rosa não tem.

Ella o que tem, meu amor?
O cheiro, a côr e mais nada.
Confessa, rosa animada!
Que és outra casta de flôr.
Os olhos só elles valem
Duas estrellas, bem vês;
Pois vozes que a tua igualem
Na doçura, na pureza,
Na terra, não, com certeza;
Agora no céo, talvez.

Não ha assim perfeição,
Não ha nada tão perfeito,
Mas é um grande defeito
O de não ter coração.
N'isso é que te leva a palma
A rosa, sendo uma flôr
--Sem voz, sem vida, sem alma,
Que abre logo á luz da aurora
E á noite esconde-se e chora
Pelo sol, o seu amor.

Ora e se a rosa, vê bem,
Tem amor, não tendo vida,
Será coisa permittida
Tu não amares ninguem?
Suppões que Deus te agradece
Essa isenção, minha flôr!
Deus a ninguem reconhece

Por filho senão quem ama:
A terra e o céo proclama
Que elle é todo puro amor.

Messines.

* * * * *

A UMA MULHER

Amo-te a ti, e a Deus.
Teus sonhos são riquezas
Talvez e fasto. Os meus,
És tu, que me desprezas.

Deixal-o. Amor acaso
É racional? Não é.
O fogo em que me abrazo
É como a luz da fé;

Que além de cega, apaga
O facho da razão.
Ama-se e não se indaga
Se se é amado ou não.

Amo-te. O mais ignoro.
Mas os meus ternos ais
E as lagrimas que chóro
Podem dizer o mais.

Que chóro; se te admira.
Nunca tiveste amor.

Quem tem amor, suspira,
E o suspirar é dôr.

Ah! quando abraço e beijo
O travesseiro e, assim,
Acórdo e te não vejo,
Vejo-me só a mim;

Não sei, mulher! que anceio
Se me traduz n'um ai!
Confrange-se-me o seio,
Rebenta o pranto e cái.

Então, se por encanto
Fallando em ti, mas só,
Todo banhado em pranto
Me visses, tinhas dó.

Tinhas. A piedade
É filha da mulher,
Que sempre quiz metade
D'uma afflicção qualquer.

Havias ao teu rosto
De me apertar a mim,
D'encher, fartar de gosto,
Todo este abysmo; sim.

Vós desprezaes embora
Culto e adoração
De quem vos ama; agora

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com